Teoria e prática: como o jornalismo antirracista tem sido estudado no meio digital[1]

Gabriel Gustavo Ipólito Ribeiro[2]
Debora Chacarski de Mello[3]
Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, PR

Resumo: Este trabalho fez o levantamento acerca de sete artigos publicados entre 2022 e 2024 para identificar a partir de que fontes teóricas os veículos de jornalismo antirracista e ou de imprensa negra estão sendo analisados dentro dos estudos acadêmicos através de suas produções jornalísticas. O objetivo principal é o de refletir sobre as principais referências teóricas e conceitos que têm guiado as pesquisas sobre raça e jornalismo no contexto digital. A metodologia envolve uma análise quantitativa e qualitativa de artigos selecionados a partir de pesquisa exploratória. Espera-se que os resultados apontem um caminho para maior compreensão teórica da imprensa negra e a conexão entre sua pesquisa e prática.

Palavras-chave: jornalismo antirracista; jornalismo digital; mídia alternativa; pesquisa em jornalismo;

Introdução

As pesquisas sobre a imprensa negra no Brasil remontam ao trabalho do sociólogo francês Roger Bastide, em 1951, que sistematizou fases históricas da imprensa negra em São Paulo. No entanto, segundo Mello e Carvalho (2023), foi a partir do Movimento Negro e suas fases (1889 - até a atualidade) que a Imprensa Negra se consolida, visto que mesmo antes da abolição, os impressos abolicionistas já circulavam pelo país, e com o passar dos anos, com a modernização e adaptação do povo negro mais o combinado de avanços tecnológicos é que a Imprensa Negra se consolida e passa a ser a principal norteadora não somente da disseminação de informações para sua comunidade, como também um modelo próprio de jornalismo - o jornalismo alternativo que resiste aos marcos históricos. Uma vez que além dos

[1] Resumo expandido apresentado no 28º Seminário de Inverno, realizado entre 2 e 6 de junho de 2025, na Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG).
[2] Mestrando na Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), Bolsista CAPES, e-mail: gabrielgusstavo@gmail.com.
[3] Mestranda na Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), Bolsista Carrefour, e-mail:deeborachacarski@gmail.com

atravessamentos sociais, segue informando aquele público pela legitimidade e abrangência que conquistam com suas práticas.

Mais recentemente, outros trabalhos se tornaram referência no tema, a exemplo de Ana Flávia Magalhães Pinto (2006), que estudou publicações do século XIX. As pesquisas mais recentes dentro do tema têm se voltado para veículos digitais, uma vez que o conceito de imprensa negra, inicialmente materializado em publicações impressas, hoje em dia se dilui e se reproduz através de meios eletrônicos e digitais (Santos, 2011).

Para este resumo, foram selecionados 7 trabalhos publicados entre 2022 e 2024, incluindo artigos apresentados em eventos, publicados em revistas e um trabalho de conclusão de curso de graduação. Após a seleção dos trabalhos, foi feita a extração dos dados obtidos, tais como: autores e autoras mais citados nas referências, e quais conceitos são mais utilizados. Com os resultados do levantamento em mãos, se propõe a reflexão crítica sobre como esses conceitos são trazidos pelos autores mais citados nestes artigos, com a intenção de se ter um levantamento atualizado sobre o estado da arte da pesquisa sobre as mídias negras no Brasil.

Metodologia

A metodologia adotada para este resumo foi a pesquisa exploratória através de repositórios científicos (Scielo, PortCom e Google Acadêmico), buscando os termos “jornalismo antirracista” e “mídia negra”, em títulos ou palavras-chave. Para embasar o estudo a partir da exploração, foram excluídas as dissertações de mestrado ou teses de doutorado, para evitar disparidades de tamanho entre os trabalhos, além de simplificação da pesquisa para adaptação ao formato de resumo expandido.

A partir disso, adota-se também a análise quantitativa e qualitativa dessas informações. Para isso foram selecionados os artigos que tinham veículos digitais como objeto empírico, de forma a concentrar a pesquisa em iniciativas da imprensa negra

presentes no meio digital. O recorte temporal, entre 2022 e 2024, serviu para limitar o número de trabalhos estudados e prover atualidade ao estudo.

Com os sete artigos selecionados, a parte quantitativa foi a contagem numérica das referências bibliográficas, buscando quais os autores presentes em mais artigos e com mais citações ao todo, levando em conta aqueles com mais de uma obra citada no mesmo trabalho. Também foram identificadas quais obras desses autores são incluídas mais frequentemente entre as referências. Passamos para a análise qualitativa, por meio da qual foi possível perceber a que referências os autores recorrem para inserir os veículos de mídia negra no escopo do jornalismo alternativo e da Imprensa Negra, além da revisão histórica e conceitual desse último termo.

Resultados

Com intuito de traduzir o levantamento, segue a tabela 1, onde já é possível delimitar quais autores são mais citados, e em quantos desses trabalhos eles aparecem.

AUTORES (AS)	NÚMERO DE CITAÇÕES
Cicília Peruzzo	6 citações em 4 trabalhos
Dennis Oliveira	6 citações em 4 trabalhos
Valmir Teixeira de Araújo	5 citações em 3 trabalhos
Ana Flávia Magalhães Pinto	4 citações em 4 trabalhos
Lélia Gonzalez	5 citações em 3 trabalhos

Tabela 1: Autores mais citados

Esses autores e autoras possuem diversos trabalhos acadêmicos que norteiam pesquisas sobre a comunicação, sobre raça, sobre gênero e raça e jornalismo antirracista.

Os autores líderes em número de citações no recorte, Cicília Peruzzo e Dennis Oliveira, são acionados juntos nos artigos “Informação e formação: o jornalismo “preto e livre” da agência de notícias Alma Preta”, de Edilaine Heleodoro Felix (2023) e “A questão

racial e as hard news no site Alma Preta" de Ariane Roque de Souza e Juliana Doretto (2022). Em ambos os trabalhos, as autoras recorrem a Peruzzo e Oliveira para trazer definições e classificações de jornalismo alternativo, inserindo seu objeto empírico - o site Alma Preta - nesta categoria.

Peruzzo ainda é citada em "Imprensa negra brasileira: enquadramentos produzidos pelos sites Correio Nagô, Mundo Negro e Nação Z", de Valmir Teixeira Araújo (2024), também com a finalidade de enquadrar esses veículos enquanto jornalismo alternativo. Já Oliveira aparece três vezes nas referências de "Jornalismo Periférico: por uma prática decolonial e antirracista", também de Félix (2022). Neste artigo, as citações ao autor são inseridas em um debate sobre decolonialidade no jornalismo, além da menção ao compromisso do jornalismo com o interesse público (FÉLIX, 2022). Em "A Terra da Luz tem Preto, sim!" Bruno de Castro Brito (2023) também recorre a Oliveira para apoiar a capacidade de emancipação do jornalismo (DE CASTRO BRITO, 2023).

Valmir Teixeira de Araújo é citado por Souza e Doretto (2022) em uma revisão histórica da imprensa negra, com destaque para o papel da internet como possibilidade para esses canais. O próprio Araújo (2024) recorre a seus trabalhos anteriores para discutir o conceito da imprensa negra, além de mencionar o artigo sobre a violência policial contra jovens negros. O propósito de conceitualização da imprensa negra também motivou a citação a Araújo em Brito (2023).

No caso de Ana Flávia Magalhães Pinto, as quatro citações fazem referência a seus trabalhos sobre a história da imprensa negra no século XIX, mencionados por Brito (2023), Araújo (2024), Felix (2023) e Borges (2023) também para contextualização histórica da imprensa negra.

Por fim, Lélia Gonzalez aparece em Sales e Nunes (2022), ao analisar o Kilombas Podcast no escopo de feminismo negro. Também é citada por Borges (2023) na

discussão da representação de indivíduos negros na mídia e por Brito (2023), ao discorrer sobre a diversidade dentro da população negra e sobre o uso da palavra como resposta à exlclusão das mídias negras.

Considerações finais

Embora as pesquisas voltadas para a área do jornalismo antirracista não tenham um número expressivo nos repositórios, com o levantamento feito para este trabalho, foi possível observar um movimento de convergência entre os meios de comunicação antirracistas e também entre os estudos acadêmicos que pesquisam esses meios. Esse movimento de convergência pode ser observado em três eixos: a identificação da imprensa negra com o jornalismo alternativo, com menção a sua capacidade emancipatória, o importância dada à contextualização histórica das mídias negras digitais como parte da trajetória da imprensa negra e a relação das atuais mídias negras com outros debates para além do jornalismo, como o feminismo negro e a representação midiática na população negra. Observando esse movimento, se oferece a possibilidade de um norte comum que fortalece o vínculo entre teoria e prática do jornalismo antirracista. A documentação dessa prática jornalística antirracista e alternativa é essencial para que esses veículos passem a ser conhecidos não somente pelo engajamento que conseguem movimentar nas mídias digitais, mas principalmente pelo movimento de criação e transformação de conhecimento que são capazes de produzir a partir desses artigos já publicados.

Referências

ARAÚJO, V. T. Imprensa negra brasileira: enquadramentos produzidos pelos sites Correio Nagô, Mundo Negro e Nação Z. Intercom - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, São Paulo, v. 47, p. e2024112, 2024. DOI: 10.1590/1809-58442024112pt. Disponível em: https://revistas.intercom.org.br/index.php/revistaintercom/article/view/3585. Acesso em: 19 maio. 2025.

BASTIDE, Roger. A Imprensa Negra do Estado de São Paulo. In: BASTIDE, R. **Estudos afro-brasileiros**. São Paulo: Perspectiva, 1973.

BORGES, Amanda Aparecida Dornelas. A CONTRIBUIÇÃO DAS MÍDIAS NEGRAS PARA O JORNALISMO HUMANIZADO: UMA ANÁLISE DA VEICULAÇÃO DE CASOS DE VIOLÊNCIA POLICIAL NO ALMA PRETA, NOTÍCIA PRETA E REVISTA AFIRMATIVA. 2023. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Jornalismo) - Centro Universitário de Volta Redonda, Volta Redonda, 2023.Disponível em: https://independent.academia.edu/AmandaBorges110. Acesso em: 19.05.2025

DE CASTRO BRITO, B. A "Terra da Luz" tem preto, sim! Um relato da experiência antirracista do Ceará Criolo como ponto de inflexão jornalística. Pauta Geral - Estudos em Jornalismo, *[S. l.]*, v. 10, n. 1, 2023. DOI: 10.5212/RevistaPautaGeral.v.10.21809. Disponível em: https://revistas.uepg.br/index.php/pauta/article/view/21809. Acesso em: 19 maio. 2025.

FELIX, Edilaine Heleodoro. INFORMAÇÃO E FORMAÇÃO: O JORNALISMO "PRETO E LIVRE" DA AGÊNCIA DE NOTÍCIAS ALMA PRETA. Revista Alterjor, São Paulo, Brasil, v. 28, n. 2, p. 226–239, 2023. DOI: 10.11606/issn.2176-1507.v28i2p226-239. Disponível em: https://revistas.usp.br/alterjor/article/view/212533. Acesso em: 19 maio. 2025.

FELIX, Edilaine Heleodoro. Jornalismo periférico: : por uma práxis decolonial e antirracista. PAULUS: Revista de Comunicação da FAPCOM, [S. l.], v. 7, n. 13, 2024. DOI: 10.31657/rcp.v7i13.662. Disponível em: https://revista.fapcom.edu.br/index.php/revista-paulus/article/view/662. Acesso em: 19 maio. 2025.

MELLO, Debora Chacarski de; CARVALHO, Fernanda. Cavassana de . O NZinga Informativo como caso de comunicação popular e alternativa do movimento negro feminista. DITO EFEITO, v. 14, p. 45-61, 2023.

SALES, Suewellyn Cassimiro; NUNES, Patrícia de Souza. Mídia feminista negra: uma análise das narrativas interseccionais produzidas no Kilombas Podcast. Temática, [João Pessoa], v. 18, n. 3, p. 64-80, mar. 2022.

SOUZA, Ariane Roque de; DORETTO, Juliana. A QUESTÃO RACIAL E AS HARD NEWS NO SITE ALMA PRETA. In: ANAIS DO 12º ENCONTRO DE JOVENS PESQUISADORES EM JORNALISMO - VOL. 12 2022, 2022, Fortaleza. Anais eletrônicos..., Galoá, 2022. Disponível em: <https://proceedings.science/jpjor-series/jpjor-2022/trabalhos/a-questao-racial-e-as-hard-news-no-site-alma-preta?lang=pt-br> Acesso em: 19 Maio. 2025.